

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Artur Nunes da Costa**

registada em 2009-02-03  
por

Jenny Campos e Susana Pires



## Artur Nunes da Costa

Artur Nunes da Costa nasceu em 22 de Novembro de 1930 na Benfeitá. Filho de Maria José dos Santos e José Nunes da Costa. Tem três irmãs, todas chegadas. Recorda que em sua casa o convívio “foi sempre um convívio muito amigável” devido à educação dos pais. “Não fomos criados ricos mas barriguinha cheia houve sempre.” A casa de infância de quatro andares, era de xisto, não tinha fogão era lareira. Da sua infância recorda os jogos e as brincadeiras: à macaca, ao pião, a choca e o eixo corrido. Estudou até à quarta classe e teve três professores. O seu primeiro trabalho foi de alfaiate, com 12, 13 anos, depois aprendeu a arte de carpinteiro. Mais tarde tomou conta do comércio do pai. Em África teve uma plantação de algodão. Casou tarde aos 30 anos. “Namorámos um ano e tal. Tratou-se do casamento e cá estamos ainda hoje, há 46 anos.” Tem dois filhos e dois netos.

# Índice

Identificação Artur Nunes da Costa.....	4
Ascendência Os meus pais.....	4
Casa A casa da minha infância.....	5
Infância A choca, o eixo corrido e as bolas.....	5
Educação "Estudei até à quarta classe".....	6
Religião "A minha mãe era muito religiosa e obrigou-me a comungar".....	6
Namoro Temo-nos entendido, felizmente.....	7
Casamento O casamento.....	8
Descendência Filhos e netos.....	8
Ofício Tudo o que fiz.....	9
Lugar A Benfeita.....	11
Quotidiano Viver sem esforços.....	20
Sonhos "Ver os meus filhos felizes".....	20
Avaliação "Um certo valor".....	21

## **Identificação *Artur Nunes da Costa***



**Artur Nunes da Costa**

O meu nome completo é Artur Nunes da Costa. Nasci em 22 de Novembro de 1930, já venho de longe. Nasci na Benfeitá.

### **Ascendência *Os meus pais***

A minha mãe chamava-se Maria José dos Santos, era natural da Benfeitá. Era doméstica. Também trabalhava um bocadinho de costura, tinha muito jeito. Às vezes costurava para fora mas pouco.

O meu pai era José Nunes da Costa e era proprietário, esteve emigrado na América, esteve em Lisboa e ultimamente tínhamos propriedadezinhas boas de

que vivíamos. E ia trabalhando assim, na vida do campo. Era a vida dele, não tinha uma arte específica. Foi trabalhador rural. Trabalhou de pá e picareta.

### **"Vivíamos fartos e felizes"**

Tenho só três irmãs. Irmãos não tenho nenhum. Somos todos chegados, a mais velha tem mais dois anos que eu e a outra a seguir tem menos três anos e a mais nova tem menos 13 anos que eu. Apareceu quando já não contávamos com ela.

O convívio, em casa da minha mãe, foi sempre um convívio amigável porque os meus pais, graças a Deus, eram muito educados e educaram-nos dentro daquela modéstia do tempo.

Obrigaram-nos a ir à escola todos, todos tiramos a instrução primária. Não fomos criados ricos mas barriguinha cheia houve sempre, se não se comia um bocadinho de cabrito ou um bife comia-se uma sardinha, um bocadinho de carne de porco ou qualquer coisa mas, vivíamos fartos e felizes.

### ***Casa A casa da minha infância***

Lembro-me da casa muito bem, ainda hoje lá está, não sofreu alteração nenhuma só pinturas.

Tinha dois andares, até eram quatro verdadeiramente tinha um rés-do-chão, a gente chamava a loja, onde era a adega e a loja da lenha. Por cima, o primeiro piso onde tínhamos três quartos e no andar de cima era a cozinha, a sala, um quarto e uma varanda. E tinha o sótão ainda onde guardávamos as batatas que colhíamos.

Era de xisto. Não tinha fogão, mais tarde a minha mãe comprou um fogão mas, primeiro era lareira. Era o que se usava nas aldeias, pouca gente tinha fogão.

Comia-se de roda da fogueira, havia uma mesinha pequena, enquanto éramos pequenos comíamos aí todos à lareira, sentados num banquinho baixinho, e todos comíamos dali. Depois, mais tarde, quando começamos a ganhar assim mais cachaço então tínhamos uma salita cá fora e comíamos ali.

### ***Infância A choca, o eixo corrido e as bolas***

Na altura em que era pequeno brincava-se com muita coisa: à macaca, ao pião, a choca, ao eixo corrido. A choca era: arranjava-se uma lata, uma panela velha, uma coisa qualquer e colocava-se ali no meio do largo. Depois juntava-

---

se cinco, seis, sete rapazes, naquele tempo havia muito rapaz, com um pau na mão e vai cacetada para ali, vai cacetada para acolá. Era obrigatório colocar a choca, que era a panela ou lata, num buraco que a gente fazia. Mas a gente ia para colocar e o outro não deixava, vai cacetada. Aquele que conseguia lá colocá-la ficava vitorioso. Coitada da panela às vezes ficava num bolo, era até partir.

O eixo corrido era, a gente punha-se assim em corrida, era cinco, 10 rapazes e então nós íamos saltar e púnhamos as mãos nas costas e saltava para o outro lado. O último começava outra vez e íamos por aí fora. Dava-se a volta ao largo ou ia-se por uma rua abaixo naquela brincadeira.

Havia muito pouco brinquedo. As bolas com que a gente jogava era uma bola de trapos. Andávamos às vezes nos cantos onde tiravam o lixo à pergunta de meias que as senhoras atiravam fora e então arranjávamos uns trapos, fazia-se uma bola de trapos e vai um pontapé.

### **Educação "*Estudei até à quarta classe*"**

Eu estudei até à quarta classe. Andei sempre com professor. Tive um professor, o primeiro, foi só um ano que andei com ele. Era do Soajo, veio para aqui por castigo, por causa da política. Nunca tive uns professores muito ríspidos, pelo menos com quem eu andei. Andei com três professores. Já morreram todos. Um era de Torres Novas, outro era de Viseu.

O ano em que eu fiz a quarta classe, foi o ano em que transformaram duas escolas que aqui havia, masculina e feminina, transformaram num posto de ensino único. Nesse ano acabou a escola masculina, então é que começaram a vir professoras.

A escola era onde está actualmente a Junta de Freguesia, mais tarde, foi feita uma nova escola no cimo da Benfeita. Agora está lá uma escolazita boa, jeitosa, mas não há alunos. Aquilo ainda não fechou porque em Côja não há lugar para tantos. Mas, mais um ano e acaba aqui a escola.

### **Religião "*A minha mãe era muito religiosa e obrigou-me a comungar*"**

Andei na doutrina. A minha mãe era muito religiosa e obrigou-me a comungar, a fazer aquelas coisas todas.

Hoje é diferente, naquele tempo havia aí umas senhoras que eram muito religiosas, uma era professora reformada, davam-se a ensinar as crianças. Nós

íamos para lá, tinha assim umas escadas, sentávamo-nos todos nas escadas e ela lá ensinava e nós a ouvir. E assim nos preparavam para a comunhão.

Depois havia aí a Comunhão Solene que eu também fiz como os outros. Mas, naquele tempo, era muita gente. Lembro-me do dia da comunhão, nós íamos com o fatito melhor que tínhamos, uma braçadeira com uma fita de seda num braço, e íamos em procissão e no fim havia um acto religioso na igreja. Tínhamos que cantar, rezar, umas coisas que o padre obrigava, lá por lei da igreja. E nós então fazíamos aquela cerimónia e a procissão pelas ruas e nós íamos todos enfileirados. Mas, naquele tempo éramos muitos, 12 ou 15 rapazes. Era mandado da igreja e nós todos ali enfileirados a dar a volta e depois terminava. Íamos benzidos para casa.

## ***Namoro Temo-nos entendido, felizmente***

Antes de namorar com a minha esposa namorei outra rapariga e outras até! Mas a primeira que namorei, falei-lhe, disse-lhe que simpatizava com ela e prontos aquelas coisas. Disse-lhe aquelas palavras afectuosas e ela não me disse logo que sim:

- "Pronto está bem, vou pensar e logo digo-te."

E lá começamos. Namorei dois anos com ela, depois tive uma fraqueza pulmonar. Estive mal. Andei três anos que não era capaz. E então as famílias começaram a dizer:

- "O Artur está mal e tal."

E eu comecei a ver aquilo e terminou. Se eu algum dia me casar, caso, se não me casar fico solteiro, não tem importância nenhuma. Acabámos o namoro e ela casou com outro, que também foi feliz.

E depois eu, mais tarde, casei-me, já me casei tarde, com 30 anos mas ainda fui a tempo. Namorámos um ano e tal, demorei mais porque duas das minhas irmãs estavam em África e como no ano seguinte vinham a Portugal e eu gostava que elas assistissem ao meu casamento, esperamos.

Para namorar a gente combinava encontrar-se aqui ou acolá e conversávamos um bocado.

Por acaso, havia uma rapariguita, está para Lisboa, que era muito amiga da minha mulher, estava a trabalhar na casa de um tio dela e depois andava sempre com a gente. Naquele tempo os namoros não eram como hoje. Hoje começam a namorar começam-se logo a lamber. A gente naquele tempo dar um beijo era às escondidas. Não era como hoje. Estamos noutra época. Naquele tempo, as raparigas faziam luxo em guardar a virgindade para o dia do casamento. Hoje não ligam nenhuma a isso, não dão importância nenhuma a isso.



Houve sempre uma ou outra que lá caía, rapazes mais atrevidos ou qualquer coisa, pronto, o destino é assim e então quando se sabia que uma rapariga que tinha caído com o namorado. Oi!! Porque levavam uns brincos de laranjeira, sinal da virgindade e então quando não levava os brincos era aí um falatório, naquele tempo era assim. Agora isso tudo acabou mas, naquele tempo era isso.

Eu já tinha 30 anos quando casei, a minha mulher tem menos nove que eu mas cá nos temos entendido felizmente.

Tive que a ir pedir em casamento, era isso que se usava! A gente falava com a rapariga, se ela aceitava o namoro, namorávamos. Quando a gente vê que é altura de juntar os trapos, a gente conversa.

Eu fui a casa falar com os pais, eles disseram sim senhor e prontos. Tratou-se do casamento e cá estamos ainda hoje, há 46 anos.

## **Casamento *O casamento***

No casamento fomos à igreja, casámo-nos e depois, naquele tempo, faziam-se jantaras, ainda hoje também se fazem. Fazia-se cá almoço e jantar. À tarde, fazia-se um baile.

A gente tinha sempre um amigo, porque nesse tempo havia sempre pessoas que tocavam guitarras e outros instrumentos de cordas e tal e então juntavam-se. Havia sempre um amigo que organizava aquilo e havia sempre um baile.

Nesses dias especiais comia-se das coisas melhores que havia. Mais tarde começaram a fazer cozido à portuguesa. Noutro tempo não era tanto, era chanfana, arroz de fressura, doces. Faziam tigelada, faziam arroz-doce e outras coisas assim. Essas comidas caseiras que a gente cá usava mas era sempre melhorado. Não se podia comer sardinha.

A minha esposa foi de vestido. Um vestido até aos pés, tenho fotografias até, e era um véu. Usavam o véu comprido com uma cauda comprida e ia uma criança até a segurar o véu e faziam assim aquelas cerimónias.

Eu fui vestido com um fato que estreei nesse dia. Não era preto. Usavam o fato preto mas, eu não levei preto, assim escuro. Mais tarde, já deixaram de fazer mas noutro tempo era quase obrigatório: fato preto. E eu não. Sapato preto e o fato era um bocadinho escuro, camisa branca e gravata cinzenta e lá fui.

## **Descendência *Filhos e netos***

O meu rapaz veio um ano depois do casamento. E a filha veio dez anos depois.

O meu filho chama-se Rui e a filha Ana Maria. O filho é mais do meu lado e a filha é mais do lado da mãe, assim um bocadinho mais ríspida. O filho é um matulão, mais alto que eu, ela é que não.

Não vivem na Benfeita. O rapaz está na Amora, trabalha lá. E a minha filha trabalha aqui na Mata da Margarça. Casou em Côja e lá vive, comprou lá um andar. Já tem um filhito de quem eu gosto muito! E o meu filho também tem uma filha.

## **Ofício *Tudo o que fiz***

### **"Aprender alfaiate"**

O meu primeiro trabalho foi aprender alfaiate, aqui na Benfeita. Com um alfaiate que já morreu. Foi quando saí da escola, tinha 12 anos ou 13. Mas depois fiz-me daquilo, eu não me dava com aquilo.

Ainda andei lá um tempo, dois anos ou mais mas não me dava com aquilo. Eu nunca fui muito forte do estômago e tenho que tomar um comprimido por causa disso e então eram uns banquitos baixitos e a gente estava ali assim a costurar, e eu não me dava com aquilo. Almoçava, às tantas vinha vomitar o almoço, não me sentia bem. Tinha que mudar de rumo. E depois disse para a minha mãe:

- Eu não quero aprender alfaiate. Não quero mais.

Fiz-me daquilo. Mas fiz muitas calças já. Ainda hoje se quiser pregar um botão ou uma coisa qualquer me lembro do dedal.

### **Carpinteiro: uma arte**

Então tinha aqui uns primos que eram carpinteiros e andei um tempo ao pé do meu pai e tal mas, depois um deles disse:

- "Anda aprender de carpinteiro com a gente, é uma arte. Isto não vale muito mas olha, sempre é uma arte."

Lá fui então aprender de carpinteiro. Também lá andei 3, 4 anos e então quando tive perto de 20 anos tive aquela fraqueza pulmonar e tive que deixar aquilo. E assim se passou o tempo.

Eu ganhava 17 e 500 ou 18 escudos, por aí assim, quando deixei de carpinteiro, ao dia. Deixei por causa da doença. Depois de carpinteiro como tive aquela doença de que estou curado mas o médico recomendou-me que tivesse

sempre cuidado, porque isto não é brincadeira. Eu nunca mais sofri disso, ainda agora, aqui há uns dois anos, tive e ainda tenho uma bronquite, fui ao médico:

- Ó senhor doutor, eu tive uma fraqueza pulmonar quando era novo."

Contei-lhe a história da minha vida. E ele disse, ele observou-me:

- "Isto não tem nada a ver com a doença que você teve. A doença que você teve está curada. Isto é uma bronquite que lhe apareceu você tem que a aturar até ao fim da vida.

E tenho. Quando me constipo, fico aflito. Mas pronto, cá vou vivendo.

## **Comércio**

Depois de carpinteiro o meu pai tinha uma loja. Tínhamos ali uma loja que era de um homem que aí havia que tinha o correio. No meu tempo não havia estação, eram postos, agora não há, agora também está entregue à junta. Então o meu pai ficou com o correio e depois começou a alargar, assim, com algumas coisitas. Isto hoje está diminuído porque não há aqui gente e não faço negócio. Eu comecei a estar por ali, no comerciozito do meu pai.

Depois quando casei também fui para África, estive lá dez anos e depois vim. Vim e os meus pais ainda estavam na loja. E eu continuei com o comerciozito e aqui tenho vivido.

Em África estive no distrito de Cabo Delgado, no comércio. Também fiz agricultura. Tive lá, chamava-se uma machamba. Desbravámos lá um terreno, mais um cunhado meu e fazíamos algodão. E assim lá passei dez anos. Plantávamos algodão. O algodão é uma planta, a gente lavra a terra, depois faz uns regos e coloca-se ali a semente. Depois ganha umas bolas, depois aquilo abre e o algodão começa a sair.

Depois a gente contratava os pretos e eles vinham tirar aquilo à mão. Punham para o saco e depois a gente vendia. Mas às toneladas! 60 toneladas de algodão, por ano. E mais, até 120 toneladas, tínhamos dois terrenos onde fazíamos aquilo. Eram terrenos de 60 hectares e mais. Tinha lá um que tinha 60 e tal hectares, outro tinha uns 80 ou o que era aquilo. Dava uma média de uma tonelada por hectare.

Vim de lá com 42 anos. Já era casado. Eu estive lá três anos sem ela, depois ela foi lá ter. Depois ainda cá viemos, e voltamos lá. Deu-se o 25 de Abril e vim-me embora.

Lá deixei três casas de comércio. Uma onde nós trabalhávamos e outra onde tínhamos lá um empregado e vim logo para a Benfeitá. Não trouxe de lá fortuna nenhuma mas, tenho vivido. Tenho vivido com aquilo que é meu. Nunca mais lá voltei.

## **Lugar A Benfeita**

Lembro da Benfeita antigamente, perfeitamente! Era muito diferente do que é hoje. A avenida não existia. Era só a curva e estas ruas aqui já é tudo da minha lembrança.

Depois da cabine da electricidade por ali abaixo, quantas casas ali há, são todas feitas da minha lembrança. Tudo aquilo foi já construído depois que eu nasci. Eu só me lembro da estrada já para cá da Dreia, para cima. Eu tinha seis ou sete anos quando abriram a estrada. E quando ela chegou aqui já foi em 1939 já eu tinha nove anos, quando chegou à Benfeita. Depois houve umas alterações na rua e tal.

A maior transformação que levou foi há quatro anos, eu até fazia parte da Junta e conseguimos um projecto de Aldeias de Xisto.

O projecto das Aldeias de Xisto foi um programa que houve no Centro Regional de Coimbra, através do governo e da CEE. Foi um programa com 17 freguesias do distrito de Coimbra. A Benfeita foi contemplada com um projecto desses, que aliás ainda hoje está por acabar. Os telefones subterrâneos nunca acabaram isso, mudou de Junta e de Câmara e depois nunca chegaram a acabar isso. Fez-se as calçadas, luz eléctrica subterrânea e mais essas coisas que estão para aí feitas.

Isto foi tudo levantado, temos uma rede de esgotos que no outro tempo não existia. E rede de água também, a água ao domicílio também já é da minha lembrança, já fui eu que ajudei, através da Liga de Melhoramentos a fazer isso. Foi captada a água da serra, ainda hoje de lá vem e então fez-se a água ao domicílio, porque primeiro era umas fontes, fontenários.

Havia aí dois ou três fontenários e lá foi alargando, aqui há uns anos já puseram cinco ou seis e depois veio a rede de domicílio, hoje toda a gente tem água em casa, e é um grande bem.

Casas de banho também não existiam. Tudo isso foi feito mais tarde, através de subsídios e da Junta de Freguesia e da Liga de Melhoramentos e assim se foi progredindo alguma coisa porque isto no outro tempo era um buraco aqui.

No pouco tempo livre que as pessoas tinham, havia sobretudo no Verão uns lugares, a capela e a praça onde as mulheres se juntavam e conversavam, cavaqueavam um bocado. Os homens eram mais na taberna a jogar as cartas. Jogavam o chinquilho, o burro, ainda tenho para aí um. Umas brincadeiras e assim se passava o tempo.

Rádios não havia, não havia televisões.

Já houve aqui três lagares de azeite agora não há nenhum, não há quem apanhe a azeitona. Havia ferreiros, sapateiros, alfaiates, carpinteiros, latoeiros, havia tudo, noutra tempo, agora estou aqui com esta miséria.

O senhor doutor Mário Matias foi um homem que pesquisou muito as origens da Benfeita e falamos da origem do nome da Benfeita mas ele nunca encontrou nada. Fartou-se de procurar, na Torre do Tombo, de perguntar coisas. Nunca encontrou assim bem uma coisa qualquer que diga, a origem da Benfeita está aqui.

Encontrou um apontamento onde está Benfeita. Bem, e depois feita. Separados, depois juntaram. Ele conta umas histórias, da freguesia, isto pertenceu aos Condes de Coimbra e pagavam até umas contribuições para o Bispo e mais não sei quê. Ele conta assim umas histórias desta coisa.

Agora a Benfeita tem uma capela octogonal, em cima, ao lado da torre, mas é lenda, ele diz que não deve ter fundamento. Dizem que quando andavam a fazer o telhado, umas pessoas passaram:

- "Uma coisa bem feita."

Então ali nasceu a Benfeita. Porque antigamente se chamava Valverde. Mas na opinião do doutor Mário Matias isso não é verdade.

As pessoas da Benfeita são "Balseiros". Mas não sei explicar porque, de onde é que isto nasceu. Mas também há alcunhas por família. Eu por exemplo, sou "Maçarocas" porque o meu avô era "Maçarocas". Noutra tempo semeavam aqui linho e outras coisas com que faziam tecidos. E então faziam uns fios, umas bolas e chamavam àquilo uma maçaroca e o meu avô negociava nisso. Alto lá que é o António "Maçarocas". E os meus tios era o Adelino "Maçarocas", o meu pai era o Zé "Maçarocas" e o Artur "Maçarocas". Eu já não fui bem atrás dele mas as pessoas antigas ainda me chamavam Maçaroca. Eu nunca levei a mal, nem levo. Mas se chegarem à Benfeita e perguntarem onde fica o Artur "Maçarocas", mandam-nos para aqui.

### **"Não havia nada de luz"**

Não havia nada de luz, era à luz do petróleo. A luz veio em 1955. Era candeeiros de petróleo e candeias de azeite.

Naquele tempo havia muito azeite, hoje também ainda havia, se o apanhassem, mas agora já nem há gente que apanhe a azeitona. Era um candeeirito de petróleo, às vezes um carbureto, Petromax e assim umas coisitas. E a gente defendia-se assim, conforme podia. Porque nós saíamos da escola e ainda tínhamos que ir buscar um molho de cavacas para queimar à noite e fazer o jantar. E os outros a mesma coisa. E então à noite, à luz da candeia, a fazer

---

os deverzitos da escola. Mas só depois de ir buscar lenha. Quantos molhos de lenha fui eu buscar a uma propriedade que o meu pai tinha aqui perto, antes de ir para a escola de manhã. A minha mãe fazia-me levantar. Tinha que ser.

## O pão

Chegou a haver três padarias na Benfeita mas depois havia uma, nem toda a gente tinha dinheiro para ir ao pão. Era broa. Cultivava-se o milho. A minha mãe era todas as semanas uma fornada de broa. Tinha assim uma gamela de madeira, amassava aí e depois ia ao forno a cozer e era o que a gente comia. Não tínhamos forno. Havia fornos comunitários. Ainda há um ou dois. Então as mulheres juntavam-se, eram fornos grandes, três ou quatro vizinhas:

- "Vamos fazer broa."
- "Hoje calha-me a mim."
- "A mim calha-me amanhã."

Então juntavam-se e uma cozia nove broas, outra oito, outras dez e depois faziam sinais para distinguir... Uma fazia-lhe um belisco, outra punha-lhe um dedo, outra punha dois, outra punha três. E assim separavam. Faziam marcas na broa.

## "Na Benfeita fazia-se azeite puríssimo"

Fazia-se muito e bom azeite na Benfeita. À maneira antiga, não é como hoje. Este ano eu e a minha mulher ainda apanhámos um bocadinho, temos umas oliveiras, mas não é nada do que era antigamente.

Hoje é através de máquinas, é extraído o azeite com pressão, não sei explicar como é que as máquinas funcionam. Mas, naquele tempo não. O azeite era virgem. A azeitona ia para o lagar, era moída ali num pio, com as galgas. Aquilo ia para umas ceiras, numa prensa. Era espremido, depois com água quente para ajudar a extrair o azeite, o azeite corria para umas pias, para umas tarefas e ali era esaldado. Depois estava ali um certo tempo a assentar que é a borra do azeite que vai ao fundo. Por baixo tinha outra e então o azeite ficava um bocadinho ali por cima.

Agora não, agora é extraído de qualquer maneira. Nem tem a cor que tinha, nem o sabor. O bom ainda aparece aí no supermercado mas custa 20 euros. Custa caro. Mas na Benfeita fazia-se azeite puríssimo. Azeite virgem. Hoje não há nada mas, havia aqui três lagares na freguesia. Um deles também era do meu pai, tinha lá uma sexta parte mas está tudo abandonado, porque também não tem as condições que eles exigem hoje. Naquele tempo aqueles resíduos iam para a

ribeira, hoje não consentem isso. Tem que ter umas fossas. Até têm razão mas, naquele tempo, não ligavam a isso. Era assim.

O proprietário do lagar tinha lá a sua equipa arranjada. Uma pessoa tinha a azeitona e eles mandavam lá os homens carregá-la. Ensacavam-na e traziam para o lagar. Depois o senhor ia lá buscar o azeite, mediante uma maquia. Chamavam uma maquia. Era de dez, um. Tinha por exemplo dez litros, tiravam-lhe um. Havia 100 tiravam-lhe dez. Era assim que faziam. E ficavam com o bagaço.

### **"Todos matavam porcos"**

Todos matavam porcos, só aí havia duas casas, que eram muito pobres, que não me lembro de nunca matarem porco. Toda a gente na Benfeita matava porco. E alguns até dois e três. Até a minha mãe quantos anos tivemos de matar dois porcos.

Criava-se com os produtos que havia aí. Era a carne muito mais saborosa do que é hoje. Era criada com os produtos que se criavam, com batatas e hortaliças. Depois normalmente nas proximidades do Natal e Ano Novo é que se matava o porco. Era sempre um dia diferenciado. Esses malandros às vezes diziam:

- "A gente só tem duas alegrias na vida é o dia em que morre a sogra e o dia em que mata o porco."

E então fazia-se a matança, convidava-se as pessoas da família, o avô, o tio e o primo e agarrava-se e matava-se à facada. Pendurava-se lá nas lojas e ia-se cortando dali. Ia para a salgadeira, as peças mais fortes. E ia-se comendo dali todo o ano. Depois punha-se ao fumeiro os presuntos e era um governo para todo o ano. Aproveitavam tudo. Faziam enchido. Fazia-se um fumeiro e as chouriças guardavam-se em azeite. Havia umas panelas vidradas, ou de esmalte, mas normalmente eram vidradas que eram mais baratas e guardavam-se ali as chouriças cobertas com azeite. E depois ia-se comendo dali. Tirava-se uma chouricita para fazer um arroz ou uma batatas, uma coisa qualquer e ia-se comendo dali. Naquele tempo não havia frigoríficos e era a maneira de conservar a carne para se ir comendo.

Nunca foi assim o meu amor, o meu estômago nunca se deu muito bem com aquilo, aquelas carnes já retardadas mas tinha que se comer, não havia outra coisa. E a sardinhita e o bacalhau e toca a andar. Era o que se comia naquele tempo. Ia-se à feira de Côja todos os meses buscar sardinha e bacalhau. Havia pessoas que iam lá buscar sardinha para todo o mês. Chegavam a casa punham lá numas carquejas, deitavam-na ali e ia-se comendo dali. Às vezes já amarela, passava-se as brasas, e vamos embora não há cá nada. Não há cá outra coisa. Agora é uma fidalguice.

Às vezes havia uma sardinha para cada um. Quando não era metade. E os nossos pais estavam sempre a dizer:

- "No tempo que eu me criei uma sardinha era para três e o que ficava com a cabeça era o que ficava melhor."

## **Questões de saúde**

Se ficavam doentes tinham que aguentar. Havia mais saúde naquele tempo. Também os produtos eram mais sãos, não eram criados à base de adubos nem coisas como essas.

Também havia doenças e morria muita gente nova, muito embora, muitos ultrapassavam 90 anos, até perto dos 100. O meu bisavô, por exemplo e outros mais.

Havia pessoas que ficavam completamente cegas, da diabetes, mas não sabiam porquê! E era assim, não era uma vida fácil.

Havia aí umas pessoas que davam uns chás quaisquer e uma papas de linhaça, remédios caseiros. Havia aqui dois barbeiros até, já atiravam um bocadito à medicina moderna. Davam injeções e tudo, um foi enfermeiro no Hospital S. José em Lisboa, outro foi não sei onde também e eram muito jeitosos para um braço partido, ou uma coisa qualquer. Havia muito disso às vezes.

O que esteve no Hospital S. José não deixou ninguém aleijado. Havia várias pessoas que partiram pernas, porque naquele tempo a vida era difícil. Aqui por estas encostas lá caía um, perna partida, depois um braço partido. Ele não deixou ninguém aleijado. E havia esses curandeiros que davam assim esses remédios. Depois lá começou a vir também o médico.

## **O dia da Cobra**

O dia da cobra é um dia em que ninguém vai ao mato. A gente dizia:

- Vai ao mato.

Ir ao mato é ir roçar, cortar um bocado de mato, atá-lo com uma corda e transportá-lo às costas para a porta do curral do gado.

Não sei se é o dia 1, se é o 3 de Maio, esse dia é que é o dia da cobra, e não se ia ao mato, nem à lenha porque vinham as cobras para casa. E há aí casos que contavam, eu nunca vi, comigo nunca aconteceu porque também não sei como a minha mãe era muito religiosa respeitava estas coisas. Havia aí pessoas que diziam que iam ao mato nesse dia, chegavam à porta do curral ou da palheira e vinha uma cobra ou duas dentro do mato. É verdade. Eu tinha aqui uma senhora que era minha comadre que dizia-me ela uma vez:



- "Ó compadre isto eram três cobras. E eu agarrei num pau bati e não consegui matá-las. Elas fugiram."

Não sei lá o que é que se passou. Nesse dia respeitávamos isso, ninguém ia à lenha nem ao mato. Às vezes, lá ia um ou outro mais atrevido mas muito pouco ou nada.

### **Queimar o gato**

Também fizeram algumas vezes uma coisa que chamavam queimar o gato mas pouco. Queimar o gato era, arranjava-se um pau alto e arranjava-se um cântaro de barro. Punha-se o gato dentro do cântaro e pendurava-se lá em alto, naquele pau, e punha-se umas palhas que ardessem. Aquilo era no arraial juntava-se ali a malta e então, havia uns foguetórios para chamar o povo.

Acendia-se a palha e a palha ia ardendo lentamente por ali acima. Aquilo lá em cima era preso com um, a gente chamava, um nagalho, como umas palhas. E então o fogo chegava lá queimava as palhas e o cântaro caía cá em baixo e o gato esbaforido por ali fora. Era uma risada. Era uma brincadeira.

### **"O Salazar naquele tempo era o senhor"**

As badaladas da Torre da Paz foi um senhor, por sinal era muito meu amigo, que era o doutor Mário Matias, que foi gente grande, naquele tempo. Era secretário do Ministério do Interior e tinha um irmão que era embaixador, já morreram os dois. Esse senhor é que se lembrou de fazer a torre de Salazar, naquele tempo era a Torre de Salazar. Deu-lhe aquele nome, foi com a ideia de angariar mais fundos, como o Salazar naquele tempo era o senhor.

Conseguiu fazer-lhe aquela torrezita, lá arranjou o relógio que ainda hoje é bom e fez-se a torre. As badaladas foi ele que se lembrou. Mandou fazer o relógio naquele período em que a guerra estava a terminar, já estavam tratar do armistício. Era para dar 1620 badaladas que eram tantas como quantos dias durou a guerra, só que ele não chegou bem a dar o que ele queria porque não tinha altura suficiente.

Aquilo tem um dispositivo que tem 365 dentes, passa um dente cada dia. Chega àquele dia e aquilo dispara e começa, e enquanto houver corda ele dá as badaladas todas. Não dá as 1620 mas aproxima-se. Seguidas. O relógio vai andando e sempre falha um bocadinho e então há um rapaz que prende aquilo e quando chega ali às três horas que foi à hora que foi proclamada a paz, aquilo dispara. Enquanto tiver corda dispara as 1620 badaladas.

## As festas da Benfeita

O oráculo da igreja é a Santa Cecília, eu até nasci nesse dia. Mas eu não sei bem explicar-lhe se é aqui a Senhora da Assunção é que é a padroeira porque foi a primeira igreja da Benfeita. Já é do século XVI.

A festa é no dia 15 de Agosto. Antigamente, era um bocadinho diferente do que é hoje. Era a única distração que havia, era a festa. Então chegou a haver alguns anos de haver duas músicas, mas já não é da minha lembrança. Duas bandas de música. Vinham na véspera, a música e depois era tocar por aí e faziam à tarde uma cerimónia qualquer na igreja, percorriam as ruas.

Ao outro dia, era conforme a orientação do pároco. Havia a missa pela manhã, depois o almoço, depois de tarde iam para o largo, a música a tocar e o povo a dançar e prolongava-se até à meia-noite, uma hora, o arraial. Naquele tempo era assim.

A luz, a electricidade não havia, havia um candeeiro muito grande de carbureto que punham no centro do largo e ali brincavam e tocavam e dançavam. E era assim.

Havia aquelas cerimónias religiosas como ainda hoje há: missa e procissão, comunhão das pessoas que querem, e era assim.

Agora também é mais ou menos isso, talvez um pouco mas simplificada. As bandas de música hoje já não querem estar a tocar. Esta rapaziada nova já não vai nisso. A banda de música chega pela manhã, a partir normalmente das nove horas mais ou menos, percorre as ruas da povoação, uma marcha qualquer e depois segue-se a festa de igreja que é a comunhão das crianças, quando há. Agora tem havido poucas porque não há crianças e então há aquela cerimónia de igreja. Depois segue-se a procissão, depois é o leilão das fogaças, há pessoas que oferecem por devoção, prometem uma coisa qualquer à Santa, depois fazem o leilão antes do almoço. Vão almoçar, a música ainda toca ali um bocadinho e vão-se embora.

E agora são os conjuntos, que noutro tempo não havia. Vem para aí um conjunto fazer barulho toda a noite, ao outro dia também fazem. Até costumam fazer no dia seguinte uma sardinhada. Vão para lá limpar umas caixas de sardinha e a malta assa e bebe uns copos e assim passa. Mas agora já na véspera também costumam fazer, fazem assim umas brincadeiras quaisquer. Trazem um conjunto, fazem um arraialzinho e divertem-se assim.

## **"A Liga teve muita importância"**

A Liga teve muita importância. No ano em que foi fundada, se a memória não me falha, foi 1945. Naquele tempo, na era do Salazar, para se arrancar um bocadinho de dinheiro ao Governo era através de projecto. Naquele tempo, era muito mais difícil.

Já cá tínhamos a estrada quando foi fundada a Liga de Melhoramentos. Mas a Liga de Melhoramentos veio depois, e com poucos projectos é que se fez a conduta da água, é que se fizeram as calçadas porque a maior parte das ruas não tinham calçadas. Era um bocadinho de calçada mas depois era a peneda à vista e tal, e não era nada do que é hoje.

Iniciou os esgotos, fez uma casa, a casa da Liga. Naquele tempo a ideia era ser o divertimento do povo. Não havia outra coisa e então a malta juntava-se ali para fazer bailes mas, depois foi fraquejando, agora não há quem dance. Não vale a pena tocar se não há quem dance, como se costuma dizer. E a Liga teve muita importância nisso.

Esta abertura desta estrada por aí abaixo foi também a Liga, o alcatroamento da estrada e outras coisas mais, que noutro tempo, se estivéssemos à espera do Governo, não fazia nada. A Liga teve muita importância para isto. Hoje há mais subsídios, é a Junta de Freguesia que assume mais estas coisas.

## **"A Benfeita com mais vida"**

Já tenho poucas ambições para a Benfeita mas gostava de a ver mais povoada. Isso é que eu gostava porque há aqui terras que as pessoas quando se reformam vêm para a sua terrinha. Aqui não. Lá ficam. É raro vir para aqui um reformado. Isso é que eu gostava, de ver a Benfeita mais movimentada porque está morta, não há gente. A maior parte que aqui está é tudo, não digo envelhecido, mas de uma idade avançada, gente nova há muito pouco. A Benfeita com mais vida.

Há aí mais de uma dúzia de viúvas que quando elas morrerem, é casa fechada. E estão todas de 75 para cima. Portanto daqui a 20 anos... A Benfeita está a decair. A coisa que me faz mais pena é essa. Tanta gente que nós aqui conhecemos, tanto movimento que aqui havia.

Já até depois de vir de África, então alguma vez nós dormíamos de manhã? Porque aqui como está cá, as pessoas não respeitam horários. Chegavam-se aqui, ainda às vezes estava eu na cama:

- "Ó Artur vem cá dar um pacote de massa."

Nunca deixavam dormir. Havia até aqueles indivíduos que queriam matar o bicho, tomar uma bebida de manhã.

- "Ó Artur vem dar um copo de aguardente."

E a gente nunca dormia a manhã na cama. Estávamos a comer e eu chegava-me a levantar 3/4 vezes para vir atender pessoas. Um esquecia-se dos fósforos, outro esquecia-se da massa, outro do arroz. Hoje estamos descansadinhos.

## **Estatísticas sobre a Benfeita**

Ainda agora estive aí a ver um papelinho que tenho de umas estatísticas de aqui há anos eram 300 e não sei quê pessoas na Benfeita. Hoje está reduzido a pouco mais de 100, nem sei se chegará a 100. Já têm estado aqui pessoas a falar comigo:

- "A Benfeita tem aqui umas casas bonitas..."

- Tem, tem mas você bate-lhe à porta e não está lá ninguém. Um morreram, deixaram aos filhos, os filhos está tudo fora daqui, a maior parte, reside em Coimbra, em Lisboa. Em Lisboa a maior parte e cá vêm de vez em quando, nas férias mas, pouco cá param. Não se governam aqui e cada vez pior.

Enquanto eram os filhos ainda tinham aquela afeição pelos pais e tal. Mas com os netos já diminuiu, porque noutra tempo havia aí pessoas que estavam em Lisboa a trabalhar e andavam à pressa para aproveitar mais um dia e ainda vinham naquele dia à noite no comboio para chegar aqui de madrugada. Havia uma carreira para Monte Frio que os trazia aqui para baixo. Vinham sempre passar aqui um mês. Agora vão quinze dias para o Algarve, aqui uma semana e pronto. Pouco cá vêm.

Há aí casas que custaram mais de 60 mil contos, 100 mil contos até, mas povoações que aqui há. Agora estão quase abandonadas. Os pais gostaram muito daquilo, investiram ali, casas que até nem ficam muito bem aqui porque isto é uma aldeia de xisto. São casas forradas a azulejos, em pedras mármore, nem ficam muito bem neste meio. Faziam boa figura numa vila ou numa cidade. Mas, pronto, os pais tinham dinheiro, gostavam assim. Agora os filhos e os netos vêm cá meia dúzia de dias e acabou.

## **"Para mim o mais bonito é a ribeira"**

A Benfeita é uma aldeia encravada no meio das serras e já com alguma civilização. Muito diferente do que era quando eu nasci. De certo modo hospitaleira.

Para mim o mais bonito é a ribeira que é muito importante e este arvoredo à volta, esta natureza alcantilada. Estes socalcos, tudo isto se torna engraçado, na minha maneira de ver. Porque eu mesmo tendo nascido na serra e tendo sido cá criado gosto da serra. Gosto de ver isto, muito embora também aprecie, já tenho dado aí passeios pelo país fora e também aprecio outras paisagens. A gente gosta de ver aquilo que nunca viu.

A aldeia tem casas bem caiadas. O que é a gente bate-lhe à porta e não encontra lá ninguém na maior parte delas, isso é que é pena. Mas pronto isso está assim, o que é que a gente há-de fazer.

## **Quotidiano *Viver sem esforços***

O meu dia-a-dia é a descansar. Trabalhar não posso que não posso forçar. Vou fazendo umas coisitas. Vou serrar uma lenha e tal, umas coisitas assim mais forçado ou podar as videiras, mas tem que ser assim paulatinamente, devagar, porque senão já não vou. E estou pela lojita. Eu não tiro aqui ordenado nenhum capaz mas não tenho dívidas, o que tenho aqui nas prateleiras, pouco, comia-se a um almoço, mas pronto é tudo meu. Não tenho encargos nenhuns, sou eu e a mulher e vamos vivendo. Isto enquanto não me der prejuízo, estou por aqui. Se amanhã me dá prejuízo, fecho a porta e vivo da pequena reforma que tenho. E tenho que me sujeitar a isso, só peço a Deus é saúde.

## **Sonhos "*Ver os meus filhos felizes*"**

Tenho um neto e uma neta. A neta tem 9, 10 anos, o neto tem 6 e fiz questão de lhes pagar, em restaurantes, o baptizado aos dois. Um de cada vez claro. Porque eu penso assim:

- Quando vocês se casarem já eu cá não estou e então quem paga o baptizado sou eu.

Mas agora também já estou um bocado ultrapassado com essa ideia porque noutro tempo a gente ajudava os filhos quando era o casamento os pais é que pagavam o casamento, chamávamos nós a boda. E hoje não. Fazem num restaurante qualquer e já é diferente. Já tenho poucas ambições mas eu gostava de deixar os meus filhos e os meus netos bem encaminhados para a vida. Não interessa milhões mas interessa uma vida saudável e sem preocupações. Era a minha maior ambição era ver os meus filhos assim felizes.

## **Avaliação "*Um certo valor*"**

Acho que poderá ter um certo valor. Porque se não forem tomando esses apontamentos de hoje amanhã, os que vêm atrás de nós ainda menos sabem que nós. Eu disse aquilo que sei, mais ou menos, mas em tempos muito mais recuados ainda houve coisas muito melhores que eu ignoro. Pode haver uma coisa ou outra que tenha ouvido falar mas há muitas coisas que aí se passaram que eu ignoro.